

# **ENTRE MEDOS E ANGÚSTIAS: OS IMPACTOS DA PANDEMIA PARA ESTUDANTES ESTRANGEIROS DA PÓS-GRADUAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

*BETWEEN FEARS AND ANGUISH: THE IMPACTS OF THE PANDEMY FOR FOREIGN GRADUATE STUDENTS AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF SANTACCATARINA*

*ENTRE MIEDOS Y ANGUSTIAS: LOS IMPACTOS DE LA PANDEMIA PARA ESTUDIANTES EXTRANJEROS DE LA POST-GRADUACIÓN EN LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE SANTA CATARINA*

**CLAUDIA LAZCANO**

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora da Faculdade Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina (CESUSC) – Santa Catarina – SC.

Recebido em: 25/01/2021

Aceito em: 23/08/2021

Publicado em: 10/06/2022

## **Resumo**

No artigo reflito sobre os impactos da pandemia da Covid-19 entre estudantes estrangeiros da Pós-Graduação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Todos provenientes de países latino-americanos e bolsistas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil). O estudo parte de uma imersão etnográfica no ciberespaço. As questões discutidas provêm da análise das interações entre um grupo de 11 discentes e da realização de entrevistas online. São recuperadas também, e analisadas, as estratégias institucionais da UFSC diante da pandemia, e da CAPES e da UFSC frente às vulnerabilidades enfrentadas por esse setor discente, sua proteção e permanência na pós-graduação. Os resultados apontam os medos e angústias vivenciados por estes estudantes, entre março e agosto de 2020, e as particulares vulnerabilidades associadas à condição de “estrangeiro/a”, para além de outros marcadores como nacionalidade, gênero, raça. As análises mostram que o sofrimento psíquico, assim como a saúde mental, deve ser entendido e abordado como uma questão política.

**Palavras-chave:** Impactos da pandemia. Medos e angústias. Estudantes estrangeiros. Saúde Mental.

## **Abstract**

In the article I reflect on the impacts of the Covid-19 pandemic among foreign graduate students at the Federal University of Santa Catarina (UFSC). All from Latin American countries and scholarship holders of the The Brazilian Federal Agency for Support and Evaluation of Graduate Education (CAPES/Brazil). The study starts from an ethnographic immersion in cyberspace. The issues discussed come from analyzing the interactions among a group of 11 students and from conducting online

interviews. They are also recovered and analyzed the institutional strategies of UFSC in the face of the pandemic, and CAPES and UFSC in front of the vulnerabilities confronted by the student sector, their protection and permanence in postgraduate studies. The results show the fears and anguishes experienced by these students between March and August 2020, and their particular vulnerabilities associated with the condition of be a “foreigner”, in addition to other markers such as nationality, gender, race. The analyzes show that psychological suffering, as well as mental health, must be understood and addressed as a political issue.

**Keywords:** Impacts of the pandemic. Fears and anguish. Foreign students. Mental health

## Resumen

En el artículo reflexiono sobre los impactos de la pandemia del Covid-19 entre estudiantes extranjeros de la post-graduación en la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC). Todos provenientes de países latinoamericanos y becarios de la Agencia Federal Brasileña de Apoyo y Evaluación de la Educación de Posgrado (CAPES/Brasil). El estudio parte de una inmersión etnográfica en el ciberespacio. Las cuestiones discutidas provienen del análisis de las interacciones entre un grupo de 11 estudiantes y la realización de entrevistas en línea. Son recuperadas también, y analizadas, las estrategias institucionales de la UFSC ante la pandemia, frente a las vulnerabilidades encaradas por ese sector, su protección y permanencia en la post-graduación. Los resultados apuntan los principales miedos y angustias vivenciados por estos estudiantes en el período de marzo a agosto de 2020, y sus particulares vulnerabilidades asociadas a la condición de “extranjero/a”, además de otros marcadores como nacionalidad, género, raza. Los análisis muestran que el sufrimiento psíquico, así como la salud mental, debe ser entendido y abordado como una cuestión política.

**Palabras claves:** Impactos de la pandemia. Miedos y angustias. Estudiantes extranjeros. Salud mental.

## 1 Introdução

---

“El miedo y la angustia me define”<sup>1</sup>, me diz uma pós-graduanda estrangeira da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), ainda no mês de março de 2020, pouco tempo depois das aulas serem suspensas na UFSC, em meio a um panorama local, regional e mundial que mudava em questão de horas, e no qual tomar certas decisões parecia ser um imperativo. Eu contestei com uma asseveração, estava também aterrada.

Assim começa a motivação por esta pesquisa, em que procuro refletir sobre os impactos da pandemia da Covid-19 entre estudantes estrangeiros de países latino-americanos, que faziam Pós-Graduação na UFSC como bolsistas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)<sup>2</sup>, entre março e agosto de 2020<sup>3</sup>. Algumas inquietações

---

<sup>1</sup> No caso dos trechos textuais das conversas com os/as estudantes estrangeiros/as, reproduzo-os no idioma original em que foram falados. Busco, assim, trazer para o artigo a interculturalidade do contexto da pesquisa, amparada numa perspectiva crítica latino-americana que significa positivamente a pluralidade cultural e linguística da região.

<sup>2</sup> A CAPES é uma agência governamental vinculada ao Ministério da Educação responsável pela avaliação dos programas de pós-graduação *stricto sensu* no país.

<sup>3</sup> Este período corresponde aos primeiros seis meses após a comunicação do decreto do isolamento social em Florianópolis e a suspensão das aulas presenciais na UFSC.

orientam as minhas reflexões: quais os principais medos e angústias vivenciados por estes estudantes no período mencionado? O que caracterizou as estratégias institucionais da universidade e da agência federal responsável pela pós-graduação diante da pandemia e das particulares vulnerabilidades enfrentadas por esse setor discente e a sua proteção? Quais as estratégias individuais adotadas por eles/as nesse contexto, ante as medidas de isolamento social e a necessária conciliação de espaços?

A formulação destes questionamentos vem também da minha própria condição/vivência de estrangeira em intercâmbio na UFSC no período da pandemia. As perguntas elaboradas – assim como as reflexões realizadas em torno delas – condensam os principais eixos de inquietação e discussão que circularam entre alguns dos/as pós-graduandos/as estrangeiros de Cuba e Colômbia, que se tornaram interlocutores/as da presente pesquisa. Interessa-me, desta forma, recuperar e analisar o conjunto das suas experiências e vivências pessoais, familiares e profissionais/acadêmicas, refletindo, especificamente, em torno dos medos e angústias enfrentados no período, bem como da vulnerabilização articulada pela condição de “estrangeiro/a” e outros marcadores como nacionalidade, gênero, raça, entre outros. Como parte da reflexão, retomo e discuto também as estratégias adotadas pela CAPES e a UFSC na abordagem das singularidades nas condições de enfrentamento à pandemia do setor dos discentes estrangeiros na pós-graduação.

No campo da Psicologia e da Saúde Mental, os medos podem ser entendidos como uma reação que se associa a uma situação percebida como ameaçante ou estressante e a angústia pode ser caracterizada por um sentimento negativo acentuado. Estes podem se expressar em forma de preocupações ou angústias, desencadear sentimento de insegurança e às vezes um estado de alerta. Ainda que o medo, assim como a angústia ou a ansiedade sejam reações naturais, em determinadas circunstâncias podem agudizar-se gerando sofrimento e/ou desconforto, com presença de tensão e nervosismo em relação à condição humana e o mundo em geral (CLARK; BECK, 2012). Em relação ao contexto em que a pesquisa se desenvolve, como afirma Santos (2020, p. 10) ao refletir sobre os sentidos que se atrelam à pandemia, ela se torna uma alegoria e remete ao “medo caótico generalizado e a morte sem fronteiras causados por um inimigo invisível”. Nesse contexto, não é de se estranhar as múltiplas referências e a constante preocupação dos interlocutores na pesquisa sobre o tema. Dar visibilidade e refletir em torno dos medos e angústias dos estudantes estrangeiros no contexto desta pesquisa não se atrela apenas a uma questão de saúde pública, mas à necessidade de dar visibilidade à trama de

relações sociais e políticas que a ela se relacionam, e suas particularidades no contexto da pandemia da Covid-19.

Nesse sentido, parto da consideração de que a perspectiva dos sujeitos é um caminho privilegiado para acessar o conhecimento do mundo social. Como mostra Gaztañaga (2009), adentrar-se e visibilizar a diversidade não significa apenas constatá-la, mas acessar a sua interpretação. Baseada nestes argumentos, a pesquisa desenvolvida, em termos metodológicos, responde a um relato antropológico. Ainda que a escala de análise antropológica corresponda ao âmbito do cotidiano, a reflexão à escala local não implica uma insularização analítica, mas a possibilidade de tensionar as categorias abstratas a partir daquilo que os sujeitos falam e fazem (ALUCIN; ZILLI, 2013). Toda problemática explicitada em termos antropológicos oferece indícios que a ultrapassam, não só porque dá conta da estrutura social em que está inserida, mas também porque implica uma perspectiva comparativa, razão pela qual se torna uma instância analítica e não uma mera descrição.

As problematizações levantadas levam-me a enfatizar a necessidade de analisar a pandemia não apenas como um risco biológico ou uma situação sanitária, mas a partir de seus efeitos, como um fenômeno social que afeta, de maneira diferenciada, as populações que ocupam um mesmo território e espaço geopolítico como pode ser a universidade. Ao pensar a universidade como território, destaco a importância de considerar a dimensão espacial dos acontecimentos sociais, especificamente a do enfrentamento à pandemia pelos estudantes estrangeiros. Contudo, torna-se fundamental dar visibilidade à diversidade de experiências/vivências que constituem essa territorialidade, lembrando, assim como afirma Porto-Gonçalves (2006, p. 46), que “o território é espaço apropriado, espaço feito coisa própria (...). Assim, há, sempre, território e territorialidade, ou seja, processos sociais de territorialização. Num mesmo território há, sempre, múltiplas territorialidades”. Interessa-me, nesse sentido, visibilizar a existência de múltiplas maneiras de habitar o território-universidade no contexto da pandemia, ao olhar para as formas do estudante “estrangeiro” ser acolhido e de se relacionar com este espaço, não apenas na sua dimensão física, mas simbólica e cultural. Focada nesse núcleo de problematização, a proposta analítica constitui um impulso aos modelos de produção de conhecimento não universalistas e situados, que realçam novos paradigmas de interpretação.

## 2 Sobre os percursos metodológicos e as/os interlocutoras/es na pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma imersão etnográfica no ciberespaço. Ainda que os/as pós-graduandos/as que participaram façam parte de uma mesma comunidade que compartilha um espaço físico (a universidade) e, embora as interações e relações de amizade já fossem mantidas fora dos espaços online, os resultados relatam o espaço de tempo em que estes estavam limitados à esfera virtual: entre março e agosto de 2020. Desta forma, o material analítico provém da recuperação e análise das interações via WhatsApp<sup>4</sup> entre um grupo de 11 estudantes estrangeiros (eu incluída), interações essas que se alicerçaram, nesse momento, como o (nosso) *locus* – quase exclusivo – de sociabilidade. É importante assinalar que os/as estudantes que participam da pesquisa se conhecem entre si e compartilham diferentes espaços offline e online (como grupos de WhatsApp). O trabalho de campo incluiu também a realização de entrevistas abertas realizadas de forma online, através do próprio aplicativo de WhatsApp.

Em relação aos aspectos éticos da pesquisa, todos os participantes foram informados, sobre as características e objetivos da mesma de forma individual e solicitado o seu consentimento para a participação e reprodução de fragmentos de conversas e entrevistas, sob o princípio do anonimato. O consentimento foi obtido por mensagem escrita ou de áudio. Informou-se igualmente aos participantes que poderiam solicitar à pesquisadora não reproduzir comentários ou temas se fosse sua vontade. Este pedido foi feito à pesquisadora, assim como o de evitar usar os nomes ainda que fossem fictícios, pois, por se tratar de poucos participantes, sua identidade poderia ficar exposta para pessoas próximas.

Vale ressaltar que, neste contexto de pesquisa, eu não sou apenas observadora ou pesquisadora, estou também inserida no grupo pesquisado. Sob este pressuposto, o relato etnográfico desenvolvido constitui o que Fonseca (2002, p.1) nomeia “relato nativo”, já que este é um grupo do qual faço parte há vários anos, primeiro como bolsista de doutorado pelo Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG) e, posteriormente, como bolsista de pós-doutorado pelo Programa de Internacionalização (Print/CAPES/UFSC). Ao me localizar na pesquisa como sujeito que faz parte dessas redes de estudantes estrangeiros na pós, cujas experiências pretendo discutir, não busco apenas partir de uma política de localização,

---

<sup>4</sup> WhatsApp é um aplicativo gratuito que oferece um serviço de mensagens e chamadas de áudio e vídeo para celulares, assim como envio e recebimento de diversos arquivos de mídia. O aplicativo permite a comunicação instantânea entre os usuários, sendo considerada uma rede social virtual. Segundo o site oficial do WhatsApp, o aplicativo é usado por mais de dois bilhões de pessoas em mais de 180 países. Disponível em: [https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt\\_br](https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br). Acesso em: 3 nov. 2020.

mas contribuir para uma desarticulação do privilégio epistêmico entre um sujeito que pesquisa (produz conhecimento) e outro que é pesquisado. Parto, portanto, de uma ética libertária (PALERMO, 2010), feminista e decolonial, que rompe com a diferença epistêmica colonial (ocidentalizada e patriarcal) entre sujeitos cognoscentes e sujeitos a serem conhecidos.

Nós, os estudantes que fazemos parte desta pesquisa compartilhamos espaços acadêmicos – PPGs, núcleos de pesquisa, disciplinas – mas são frequentes também as trocas afetivas e de intercâmbio cultural, assim como de informações e notícias relativas aos nossos países, cidades, programas de pós-graduação, universidade, temas de pesquisa e outros, através de WhatsApp, de forma individual, ou mediante grupos criados por este aplicativo e dos quais a maioria dos que fazem parte da pesquisa já participávamos com anterioridade à pandemia. Porém, no contexto do isolamento como medida sanitária, intensificaram-se e fortaleceram-se essas trocas entre os estudantes estrangeiros, através das redes sociais online.

O aumento da sociabilidade digital em tempos de pandemia não é exclusivo dos estudantes que participam desta pesquisa. Algumas pesquisas relatam o quanto o uso da internet e das redes sociais online tornou-se o mecanismo por excelência de busca de informação durante a pandemia, e constata um aumento da “residencialização” e a “virtualização” do lazer (MONTENEGRO; QUEIROZ; DIAS, 2020). No entanto, refletir sobre quem passou a fazer parte do nosso cotidiano através dessas redes de sociabilidade online, e qual a funcionalidade dessas trocas para cada um, é o que talvez revele determinadas particularidades no caso dos interlocutores/as nesta pesquisa.

No caso dos estudantes na pesquisa, o fato de se tornarem mais frequentes os vínculos entre os/as próprios estrangeiros/as, parece articular-se, mais do que antes, à necessidade de buscar um lugar mais confortável e de pertencimento, uma espécie de refúgio diante da vivência de “estrangeiridade” (SIMI, 2020), pois, em meio a esses vínculos, não somos estrangeiros uns para os outros. Trata-se, então, da procura por um entorno em que a familiaridade linguística e cultural, ou mesmo a similitude nas angústias advindas da condição de estrangeiros/as, o tornam um espaço mais familiar e seguro. Conforme observado, o que define a condição de estrangeiro aqui não seria o fato de sermos migrantes temporários no Brasil (enquanto *status* migratório), mas a ativação, em determinados espaços, da vivência de “ser de fora”. Isso é, “estrangeiros” parece ser algo que nos tornamos sob determinadas circunstâncias, inclusive em um país estrangeiro, e, assim como o vírus, significa-se de forma perigosa e angustiante. Verifica-se aqui o que Simi (2020) chama de “metafísica do estrangeiro”, ou seja, aquilo que vai determinar

o conceito de estrangeiro e o que é ser estrangeiro – não apenas *quem* –, não como algo ou alguém definido ou dado, mas como entes que “se tornam”.

Neste contexto da pandemia, produzem-se também formas de interação peculiares. As conversas informais mediante ligações telefônicas, mensagens de textos e áudios passam a envolver mais o uso do vídeo. Isto diz sobre uma dimensão do contato humano nessas circunstâncias, na qual não é suficiente ouvir o outro, mas é necessário vê-lo. Produz-se, assim, uma entrada muito peculiar “do outro” em nossos espaços mais pessoais, físicos (como a casa, os dormitórios) e subjetivos (angústias, medos, costumes).

No Quadro 1 a seguir, descrevo algumas das características sociodemográficas dos/as participantes.

**Quadro 1** - Características sociodemográficas das/os participantes da pesquisa.

<b>Nomes (fictícios)</b>	<b>País</b>	<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Idade</b>	<b>Programa de Pós-Graduação</b>	<b>Estado civil e condições de moradia no momento da pandemia e do isolamento social</b>
Eva	Cuba	Mulher cis	Branca	51 anos	Doutorado Bolsista PEC-PG	Solteira. Morava sozinha
Ana	Cuba	Mulher cis	Branca	56 anos	Doutorado Bolsista PEC-PG	Solteira. Morava sozinha
Ena	Colômbia	Mulher cis	Mestiça	37 anos	Doutorado (período de defesa da tese). Sem bolsa de estudo no momento	Divorciada. Morava sozinha
Tati	Colômbia	Mulher cis	Mestiça	30 anos	Doutorado Bolsa do PPG	Solteira. Morava com dois amigos
Mario	Cuba	Homem cis	Negro	41 anos	Pós-Doutorado Bolsista PNPD <sup>5</sup>	Casado. Morava com o seu companheiro
<b>Casal 1</b>						
Mara	Cuba	Mulher cis	Branca	38 anos	Pós-Doutorado Bolsista Print <sup>6</sup>	Moravam juntos e com a filha de 10 anos
Joel	Cuba	Homem cis	Mestiço	36 anos	Doutorado Bolsista PEC-PG	

<sup>5</sup> Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD).

<sup>6</sup> Programa Internacionalização (Print).

Casal 2						
Rita	Cuba	Mulher cis	Negra	43 anos	Doutorado Bolsista PEC-PG	Moravam juntos. Possuem duas filhas em Cuba
Pedro	Cuba	Homem cis	Negro	42 anos	Mestrado Bolsa do PPG <sup>7</sup>	
Casal 3						
Sara	Colômbia	Mulher cis	Branca	37 anos	Doutorado Bolsa do PPG	Moravam juntos e com a filha de 5 anos
José	Colômbia	Homem cis	Branco	42 anos	Doutorado (em período de prorrogação para defesa). Já sem bolsa de estudo	

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com as categorias raciais apresentadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o mestiço poderia ser considerado o pardo; no entanto, considero essencial manter o termo usado pelos/as participantes. A identificação enquanto "mestiço/a" responde também a uma localização identitária latino-americana. Ela é uma invenção semântica que carrega um posicionamento político que vai além da descrição da cor da pele. Trata-se de um reconhecimento como não-branco, um sujeito híbrido racial e, culturalmente, produto da mistura não apenas entre "brancos" e "negros", mas entre indígenas, brancos europeus e negros africanos. Assim como afirma Anzaldúa (1987, p. 80), a consciência mestiça “nasce do movimento criativo contínuo que rompe incessantemente com o aspecto unitário de cada novo paradigma”, a identidade mestiça representa um “amasamiento”, “um ato de juntar e unir que não apenas produz uma criatura tanto da luz como da escuridão, mas também uma criatura que questiona as definições de luz e de escuro e dá-lhes novos significados” (ANZALDÚA, 1987, p. 81).

### 3 O contexto da UFSC entre março e agosto de 2020

Esse período, na UFSC, pode ser dividido em duas etapas. A primeira, de março a maio, esteve caracterizada por uma política emergencial ou contingencial, de constantes mudanças e de tomada de decisões a curto prazo sobre o funcionamento interno da

<sup>7</sup> Bolsa CAPES obtida por meio do seu Programa de Pós-Graduação (PPG).

universidade. Com relação à definição de prazos sobre o funcionamento das atividades administrativas e acadêmicas na UFSC, entre março e abril foram lançadas sete portarias normativas: Portarias n.º 352/2020/GR e n.º 353/2020/GR, de 16 de março de 2020; n.º 354/2020/GR, de 18 de março de 2020; n.º 355/2020/GR, de 24 de março de 2020; n.º 356/2020/GR, de 31 de março de 2020; n.º 357/2020/GR, de 7 de abril de 2020 e n.º 359/GR/2020, de 29 de abril de 2020.

As portarias e normativas lançadas nesta etapa suspendem as atividades por períodos breves de uma semana a quinze dias, o que, conforme veremos mais adiante através das entrevistas aos/as interlocutores/as na pesquisa, contribui para o aumento de insegurança com relação aos planos a longo prazo. O panorama, não apenas da UFSC, mas da região e em nível mundial, muda em questão de horas e, nesse contexto, a tomada de decisões se torna um processo angustiante e impossível. Já a segunda etapa, de junho a agosto, após a suspensão definitiva das aulas na modalidade presencial, caracterizou-se pela implementação de uma estratégia de reordenamento do funcionamento interno em condições especiais, voltada à retomada das atividades remotas.

### **3.1 Março a junho de 2020**

---

No dia 04 de março de 2020, de acordo com o reitor Ubaldo Cesar Balthazar, no primeiro semestre letivo de 2020 espera-se a chegada de mais de 30 mil estudantes na UFSC. Em nota divulgada no Portal de Notícias da UFSC (UFSC, 2020a), o reitor afirma que: “é necessário preparar a nossa comunidade para termos um início de semestre tranquilo, porém consciente, com a adoção de algumas medidas básicas que já ajudam muito a evitar que essa doença chegue e se propague”.

No dia 11 de março de 2020, a CAPES envia um ofício às Instituições de Ensino Superior (IES) participantes do Programa Institucional de Internacionalização (CAPES/Print), com orientações sobre viagens de bolsistas e missões de trabalho no exterior. Na nota divulgada pela universidade, oferecem-se informações sobre a possibilidade, para os/as bolsistas que ainda estão no Brasil ou que já estão no exterior, de reprogramá-las (UFSC, 2020). No caso dos/as bolsistas estrangeiros no Brasil, a nota não traz informações, mas estas são recebidas de modo direto, via Linha Direta<sup>8</sup>. Um dos participantes da pesquisa menciona que em uma destas

---

<sup>8</sup> Linha Direta é uma plataforma online de diálogo permanente com a CAPES e as/os responsáveis de cada programa, pelos quais o intercâmbio do bolsista se realiza.

mensagens, recebida no dia 18 de março de 2020, informava que caso houvesse interesse pessoal de retorno antecipado, em virtude da pandemia da Covid-19, este ficaria autorizado com ônus para a Capes. A bolsa, entretanto, seria interrompida. O nosso interlocutor explica que, na nota, explicita-se que após a normalização da situação fica autorizado o retorno ao Brasil e o restabelecimento da bolsa pelo período restante da concessão, mas não os custos com deslocamento, nem de seguro-saúde nos casos em que este benefício estivesse compreendido.

A mensagem recebida pelos bolsistas do Programa de Estudantes Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG), no entanto, não continha detalhes sobre as condições desse retorno e da posterior volta ao Brasil. No assunto da mensagem, lia-se “Informativo: COVID-19” e, no breve texto, informava-se aos bolsistas que, caso desejassem retornar para seus países de origem, deveriam entrar em contato com o técnico responsável na CAPES que, por sua vez, encaminharia a demanda para o Ministério das Relações Exteriores, órgão encarregado da emissão das passagens de retorno dos bolsistas deste convênio.

A troca de mensagens entre os/as bolsistas interlocutores da pesquisa salienta a complexidade das decisões por tomar, que envolvem a valoração dos contextos em que cada um/uma se encontra, a situação sanitária de cada um dos estados e cidades do Brasil e dos países de origem, o fechamento de aeroportos e das fronteiras em vários países da região, as condições para um retorno seguro em termos financeiros, sanitários etc.

Na UFSC, porém, não é até o dia 13 de março de 2020 – após a confirmação dos dois primeiros casos de Covid-19 em Florianópolis – que o comitê multiprofissional, criado na universidade para a adoção de medidas, se reúne e anuncia as primeiras providências a serem tomadas. A partir do dia 16 daquele mês, se estabelece a suspensão de formaturas e solenidades e a implementação de um protocolo em caso de viagens internacionais e de contato com pessoas contaminadas. Contudo, até esse momento, a decisão é de não suspender as aulas (UFSC, 2020b). No dia 15 de março de 2020, no entanto, o comitê se reúne pela terceira vez e, após a reunião técnica, a Administração Central decide interromper todas as atividades de ensino presencial em todos os campi a partir de 16 de março de 2020, além de fechar os Restaurantes Universitários (RUs) e a Biblioteca Universitária (BU) no dia seguinte.

A Associação de Pós-Graduandos da UFSC (APG/UFSC), por sua vez, logo no início do isolamento, coordena uma pesquisa com o intuito de conhecer e criar mecanismos para atender às particularidades das condições de enfrentamento à pandemia do setor na universidade. Segundo os dados desse levantamento (UFSC, 2020a), participaram 1.521

peças de mais de 50 programas de pós-graduação. A iniciativa, embora tenha permitido refletir sobre a precarização da vida diante da falta de direitos sociais e de políticas de permanência, não se propôs a compreender as especificidades das condições de enfrentamento e das vivências dos diversos grupos de estudantes que compõem a pós-graduação no período estudado. Vale a pena sublinhar que a categoria é extremamente heterogênea e, em conversa com alguns dos/as estrangeiros/as na pós, constatou-se a percepção de que a pesquisa, na ausência deste olhar, (re)produzia invisibilidades. Uma das estudantes estrangeiras, ao comentar sobre a gratidão pelo apoio recebido da APG, que fez a entrega de uma cesta de alimentação, refere: *“Ese tipo de pesquisas son buenas, es esencial que sean realizadas, pero tienen el problema de que pueden invisibilizar algunos grupos o situaciones. Yo participé, y cuando vi los resultados realmente no me identifiqué, excepto por la cuestión del RU [restaurante universitario]”*. Refere-se, neste caso, ao fato de a pesquisa mostrar que, diante do fechamento deste, 35,4% disseram sofrer prejuízo na alimentação ainda que conseguissem arcar com a sua própria, enquanto 15,6% responderam não conseguir bancar essas despesas sem o RU, ao que se acrescentaram os impactos da falta de editais de auxílio alimentação para a pós-graduação (UFSC, 2020b).

No dia 29 de abril de 2020, a CAPES dispõe, por meio da Portaria n.º 55, a prorrogação excepcional dos prazos de vigência de bolsas de mestrado e doutorado no país, no âmbito dos programas e acordos de competência da Diretoria de Programas e Bolsas. A partir dela, determina-se que: “quando as restrições decorrentes do isolamento social necessário ao combate à pandemia do Covid-19, tenham afetado o regular desenvolvimento do curso de Pós-Graduação ou o adequado desempenho dos mestrandos e doutorandos”, suas bolsas poderão ser prorrogadas por até três meses, “acrescentados ao tempo total original de vigência da bolsa” (BRASIL, 2020, p. 67). O texto da portaria estabelece seu caráter temporário, que deve vigorar para os bolsistas ativos durante o período de emergência em saúde pública. Porém, como confirmam os/as interlocutores/as na pesquisa, os/as estudantes estrangeiros/as do PEC-PG são informados alguns meses depois, via linha direta, que a mencionada portaria não abrange os bolsistas deste programa. Para eles, ainda que se autorize a prorrogação do tempo para a defesa nos casos que assim o precisarem, a bolsa não poderá ultrapassar as parcelas estabelecidas conforme o nível dos estudos 24 para mestrandos e 48 para doutorandos. A Pró-Reitoria de Pós-Graduação da UFSC informa, igualmente, aos que solicitam informação via e-mail, que a única orientação recebida é a de início de março, referente à autorização de retorno aos seus países,

condicionada ao prévio trancamento do curso e à descontinuidade do recebimento dos benefícios como bolsistas.

No final do mês de maio, a Administração Central publica uma nota, na qual o reitor Ubaldo Cesar Balthazar e a pró-reitora de Pós-Graduação Cristiane Derani esclarecem não haver nenhuma decisão de retorno imediato das atividades de ensino nos programas de Pós-Graduação da UFSC, mas que foi aprovada a possibilidade de utilização de ensino remoto em consonância com as futuras decisões da Administração Central (UFSC, 2020c). No dia 29/05/2020, por meio da Portaria Normativa n.º 364/2020/GR, prorroga-se por tempo indeterminado a suspensão das atividades e estipula-se um prazo máximo de 30 dias para decisões sobre seu redimensionamento e a continuidade do semestre.

### 3.2 Junho a agosto de 2020

---

Observa-se, a partir de então, uma mudança de perspectiva. No dia 05 de junho de 2020, o chefe de gabinete da UFSC, Áureo Mafra de Moraes, declara que o plano é que a instituição consiga “desenvolver um projeto que seja perene, que permita à Universidade não apenas enfrentar o imediato e o urgente, mas aquilo que vai nos acompanhar como instituição e como sociedade para além do mês de junho, do mês de julho” (UFSC, 2020d). Dentre as medidas organizativas subsequentes, são criados três questionários online (disponíveis de 1º a 10 de junho) para o levantamento de informações sobre as atividades pedagógicas não presenciais, visando identificar fatores que auxiliem na proposição de um plano de retomada do calendário escolar referente ao semestre 2020.1. Os questionários são elaborados pelo subcomitê Acadêmico, com participação dos subcomitês Científico e de Assistência Estudantil. Os resultados são publicados no dia 15 daquele mês<sup>9</sup> e, além de servir de referência para a tomada de decisões de caráter socioassistencial e pedagógico em cada PPG, mostraram as notáveis diferenças de um programa a outro dentro de um mesmo centro, podendo ser analisados conforme a prevalência de pessoas de um determinado grupo em relação a sua faixa etária, gênero, raça, presença de mães/pais, número de filhos etc.

Do total de estudantes que responderam à pesquisa (PROPG, 2020a, 2020b), no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) (72) e no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) (82), 5,6% e 2,4% se declararam estrangeiros, respectivamente. Estes são os programas de pós-graduação com mais estrangeiros participando

---

<sup>9</sup> Resultados do Diagnóstico Institucional disponíveis em: <https://coronavirus.ufsc.br/subcomite-academico/>.

da presente pesquisa, pelo que me interessa pensar, comparativamente, alguns dos resultados/indicadores expostos e o que lhes caracteriza no caso do grupo dos estrangeiros que fazem parte destes.

**Quadro 2** - Quadro comparativo sobre as condições de enfrentamento à covid-19 do setor discente (com base em indicadores produzidos pelas pesquisas no ppgich e ppgh) e dos estudantes estrangeiros que participaram da presente pesquisa<sup>10</sup>.

<b>Indicadores</b>	<b>PPGICH</b> (72 estudantes participaram)	<b>PPGH</b> (82 estudantes participaram)	<b>Estudantes estrangeiros participantes da presente pesquisa</b> (11 estudantes)
<i>Gênero com o qual se identifica</i>	mulher - 62,5% homem - 31,9% outro - 5,6%	mulher - 51,2% homem - 45,1% outro - 3,7%	mulher – 7 (63,6%) homem – 4 (36,3%) outro - 0%
<i>Idade (mostrando a prevalência das faixas etárias em cada caso)</i>	30 a 39 anos - 44,4% 40 a 49 anos - 34,7% 20 a 29 anos - 12,5% 50 a 59 anos - 8,3%	20 a 29 anos - 44,8% 30 a 39 anos - 39% 40 a 49 anos - 9,8% 50 a 59 anos - 6,4%	30 a 39 anos – 5 (45,5%) 40 a 49 anos – 4 (36,3%) 50 a 59 anos – 2 (18,2%)
<i>Mudou de domicílio após o ingresso na pós-graduação</i>	47,2%	59,8%	100%
<i>Durante a paralisação das atividades retornou ao seu domicílio de origem</i>	15,3%	36,6%	nenhum
<i>São o/a principal responsável pelo sustento da família</i>	48,6%	26,8%	9 (81,9%) estudantes são o principal sustento ou têm uma responsabilidade importante neste sentido. 2 (18,2%) estudantes recebem ajuda dos seus pais
<i>Situação financeira da família</i>	48,6% não foram afetados/as 29,2% foram afetados/as, mas possuem reserva financeira	40,2% não foram afetados/as 43,9% foram afetados/as, mas possuem reserva financeira	100% foram afetados/as

<sup>10</sup> Com base no diagnóstico institucional relativo à situação da pós-graduação, resultados do PPGICH (PROPG, 2020a) e PPGH (PROPG, 2020b).

<i>Situação de sua alimentação no período de isolamento social</i>	48,6% têm conseguido manter uma alimentação equilibrada e variada 27,8% têm a alimentação afetada pela ansiedade e a insegurança	45,1% têm conseguido manter uma alimentação equilibrada e variada 39% têm a alimentação afetada pela ansiedade e a insegurança	7 estudantes (63,6%) têm a alimentação afetada pela ansiedade e a insegurança. 4 estudantes (36,3%) têm conseguido manter uma alimentação equilibrada e variada
<i>Dificuldades no cotidiano do isolamento social</i>	55,6% preocupados/as devido a problemas financeiros 66,7% se sentem mal psicologicamente	73,2% preocupados/as devido a problemas financeiros 68,3% apresentam dificuldades emocionais	100% preocupados/as devido a problemas financeiros 100% apresentam dificuldades emocionais
<i>Continuou o andamento da pesquisa</i>	72,2% continuaram 9,7% não continuaram devido a questões de saúde física ou psicológica	68,3% continuaram 15,9% não continuaram devido a questões de saúde física ou psicológica	100% continuaram

Fonte: Elaboração própria

Como mostra o quadro comparativo, no grupo dos estudantes estrangeiros, alguns indicadores seguem a mesma tendência do que mostra a pesquisa realizada nos PPG com a totalidade dos pós-graduandos. No entanto, outros, como, por exemplo, o fato de que nenhum dos estrangeiros retornou ao seu domicílio de origem durante a paralisação das atividades, ou que, em 100% deles, a situação financeira da família foi afetada, marca um diferencial nas condições de enfrentamento e nas decisões que são tomadas. Como pode ser apreciado, no caso dos estrangeiros, todos decidiram continuar com o andamento da pesquisa, ainda que todos tenham referido a presença de dificuldades emocionais e preocupação devido aos problemas financeiros. Já a articulação entre esses indicadores pode se dar de outros modos para os estudantes brasileiros, mostrando a grande diversidade de situações e condições de enfrentamento no interior da categoria.

No que diz respeito aos fatores que contribuíram, entre os interlocutores/es da pesquisa, para a grande preocupação com a situação financeira da família, uns descrevem a perda de emprego de alguns membros; outros aludem ao desabastecimento de produtos nas regiões onde moram e o encarecimento da vida; e, em outros casos, referem também a contração da renda familiar como consequência da diminuição da ajuda econômica recebida por seus familiares. No caso da estudante que, durante seu primeiro ano de formação, recebia ajuda econômica da família por não ter sido contemplada com bolsa do programa, conta que o pai ficou desempregado. Ela refere que, como a maioria dos participantes, seus pais são obreiros.

Sua mãe é professora e seu pai trabalha de forma autônoma como motorista de uma van, mas afirma que a entrada dela no doutorado se constituiu como um projeto familiar, pelo que a incentivaram e apoiaram financeiramente para continuar a estudar no exterior. No entanto, para conseguir que essa ajuda econômica fosse suficiente para cobrir suas necessidades mensalmente, ela precisou adotar algumas medidas: não comprar livros, morar perto da universidade para reduzir gastos com transporte, comer no restaurante universitário, e organizar a vida acadêmica de modo a priorizar o cumprimento dos créditos em disciplinas, para passar logo mais tempo dedicada ao trabalho de campo no seu país. Com a chegada da pandemia, sua preocupação aumentou, pois, como em todos os casos, a economia familiar viu-se afetada e a possibilidade de ela ter que abandonar seus estudos se fez presente.

Já no caso dos 4 estudantes que declararam ter conseguido manter a alimentação equilibrada e variada, existe alguma condição física ou doença de base – neles/as ou em alguma pessoa sob seus cuidados – que fez com que fosse intencionalmente planejada a manutenção da alimentação nesse período. A necessidade de ter esse cuidado especial foi vivenciada, de forma geral, como algo angustiante, ou como descreve um deles: “um esforço a mais”.

Finalmente, no dia 26 de junho de 2020, o reitor anuncia em entrevista<sup>11</sup> que o plano elaborado pelos comitês e subcomitês estava pronto. Nesse comunicado, divulga que, na semana seguinte, o plano seria apreciado pelo Conselho Universitário (CUn) e se organizariam os “caminhos a serem observados” para que ninguém fosse prejudicado. Na reunião do CUn<sup>12</sup>, decide-se que uma comissão formada por representantes dos professores, estudantes e técnicos administrativos em educação teria a missão de apresentar, até o dia 13 de julho de 2020, um parecer sobre a minuta de resolução que oficializa as propostas de retomada das atividades de ensino na UFSC. Por fim, o conselho debate acerca da continuidade do ensino desde a sexta-feira, 17 de julho de 2020, em encontros sucessivos que acontecem durante três dias e mais de 20 horas de reunião<sup>13</sup>, e fica marcado o retorno não presencial das atividades pedagógicas para o dia 31 de agosto de 2020 (UFSC, 2020e).

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wBUnA0yHxEE&feature=youtu.be>.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w-iiq10Q6QA>.

<sup>13</sup> Disponíveis em: [https://www.youtube.com/channel/UCdwcD\\_d1xGzGWWX5X6Pko1Q](https://www.youtube.com/channel/UCdwcD_d1xGzGWWX5X6Pko1Q).

## 4 As complexidades da decisão de ficar no Brasil

---

### 4.1 O medo de adoecer e/ou morrer “longe de casa”

---

O comunicado recebido da CAPES já no início de março faz com que dispare a comunicação entre os estrangeiros e com a própria agência, solicitando mais informações a respeito. As primeiras análises realizadas apontam, por um lado, que para a maioria, a bolsa de estudos é a única fonte de renda. Como já foi mencionado, para a totalidade dos/as respondentes da pesquisa, a situação econômica da família com condições para lhes receber no seu país de origem foi afetada, sendo que, 10 dos 11 estudantes participantes da pesquisa, são o principal sustento da família ou têm uma participação importante. Deste modo, as valorações mostram o quanto voltar para seus países, em meio ao panorama global e as medidas adotadas de isolamento, seria se expor (e expor a família) a uma situação de extrema precariedade. Assim, os argumentos esgrimidos ressaltam que a maior parte não tem condições de ser acolhida economicamente pelo núcleo familiar (nem os dependentes, no caso dos que têm). Além disso, as condições para o deslocamento não são seguras, sendo que muitos de nós precisaríamos de várias conexões para chegar aos nossos destinos (entre 2 e 4 voos), o que se traduz em inúmeras horas de viagem e espera em aeroportos, justamente o que estava sendo pedido à comunidade internacional para evitar. Vale sublinhar que, no momento da comunicação da CAPES, algumas fronteiras já tinham sido ou estavam sendo fechadas.

A decisão de ficar associava-se também, em alguns casos, ao momento avançado da estadia de estudos no Brasil – em que a maioria de nós nos encontrávamos –, o que tornava mais factível a realização de reajustes na trajetória acadêmica e das pesquisas já iniciadas, e não sua interrupção. Há de se considerar, ainda, as condições econômicas pessoais e a suspensão das bolsas e do benefício de reembolso da passagem de retorno ao Brasil; assim, a saída do território brasileiro implicaria a impossibilidade de voltar e, por conseguinte, o abandono da pós-graduação. Cabe mencionar, igualmente, que a decisão esteve relacionada às complexidades financeiras e burocráticas acarretadas pelos trâmites necessários para nova solicitação de visto (para voltar ao Brasil) e/ou para renovação da autorização de residência no Brasil via Polícia Federal, de modo a garantir a possibilidade de entrada e saída do território brasileiro. Naquele momento, as dependências e serviços da Polícia Federal estavam sendo fechados e cancelados pelas medidas de isolamento.

Não obstante, se sair do país sob essas condições de absoluta insegurança e precariedade não se configurava como uma opção viável, ficar também não era visualizada

como uma decisão simples ou mais segura. A situação do acesso à saúde e a possibilidade do seu colapso (como já tinha ocorrido em outros países) e, com isso, o temor de adoecer, bem como a ativação de certas formas de nacionalismo, nos fazia temer pelos seus efeitos necropolíticos. O temor de morrer no Brasil emergia constantemente como um dos significantes mais fortes e angustiantes. Frente ao horror dessa possibilidade e como mecanismo de defesa, alguns de nós “brincamos” ou “fazemos piadas” – esse é um mecanismo muito frequente entre os/as cubanos: rir dos problemas mais agudos. Lembro de uma conversa por vídeo entre três das estudantes cubanas (eu incluída), na qual, depois de compartilhar essa angústia, decidíamos se queríamos que, uma vez cremadas – nisso coincidimos todas –, nos jogassem no mar ou levassem nossas cinzas para Cuba. Agora que retomo essa história, ela me parece pouco engraçada e muito trágica, muito triste. Nessas circunstâncias, porém, recriar o ritual da morte se torna um ato de autonomia diante da incerteza no controle do próprio espaço corporal e da vida.

A condição de “estrangeiro/a” aflora, assim, nos intercâmbios – de forma angustiante – como um fator que parecia estar mediando, ou viria a mediar, as prioridades no gasto público (vista essa “oferta de retorno”) e no acesso aos recursos sanitários, frente a sua necessária redistribuição. Senti(mos) ativar-se, com isso, uma noção de fronteira e de estrangeiro (*versus* cidadão) que se articulava como critério para fazer avançar ou retroceder determinadas vidas na lista das prioridades, não apenas em saúde, mas como parte das próprias medidas de reordenamento e redistribuição dos orçamentos do Ministério da Educação. A figura do “estrangeiro”, em seu não-pertencimento simbólico e legal, emergia como tensão.

Em conversa com uma das estudantes sobre as características da sua vida cotidiana, ela reclama:

*Cocinar para mi sola no es fácil, como por ansiedad... siento que no me alimento bien. En verdad desde que estoy aquí [refiere-se a Brasil] siempre comí medio desordenado y siempre tuve esa dificultad de cocinar para mi sola, pero ahora aparece la culpa, me angustio, pienso que me voy a enfermar... y a morir aquí... hay días que creo que me vuelvo loca.*

Em relação ao medo de adoecer e, fundamentalmente, de “morrer longe de casa” – é interessante que, no contexto descrito, o significante “casa” se refere não apenas ao lar enquanto espaço físico reduzido, mas aos vínculos com a família e o país de origem –, outra das interlocutoras da pesquisa manifesta em uma conversa: “yo vivo con una persona que sale todos los días a trabajar, eso también es un riesgo”. As noções de “risco” e de “grupo de risco” se problematizam e se ampliam para além do biológico, usando-as para descrever também os

comportamentos e situações sociais que nos rodeiam e se relacionam com a condição de vulnerabilidade que caracteriza cada uma das vidas. O medo se enlaça a uma sensação de “estar” vulnerável mais do que “ser” vulnerável.

É importante salientar, contudo, que as vivências e os impactos que, como grupo, experienciamos diante da pandemia, do isolamento e das medidas adotadas, envolvendo-nos enquanto bolsistas estrangeiros, não podem ser considerados homogêneos, e dependem dos mais diversos marcadores sociais que nos configuram, como veremos mais adiante. Não obstante, a decisão de ficar no Brasil significou para todos/as uma pressão por continuar a trabalhar na pesquisa e no cumprimento das exigências que asseguram os requisitos para a defesa (qualificação, créditos em disciplinas, publicação de artigos, trabalho de campo e participação em eventos).

#### **4.2 O medo da distância e a intensificação da sensação de habitar o entre-lugar**

Para quem não convive em algum tipo de arranjo/estrutura familiar (ainda que não a tradicional), o isolamento começou ser vivido de modo angustiante, em solidão e dependente da manutenção dos vínculos via online por meio das redes de afeto e companhia (de familiares, amigos ou outras). A essa angústia se acrescenta a necessidade de contato e de obtenção de notícias dos familiares, assim como de manter uma rotina de vida produtiva e saudável.

Uma das pós-graduandas conta: *“una de las cosas más difíciles para mi es tener los afectos dispersos”*. Ela narra que, no seu país de origem (Colômbia), está sua mãe e a maior parte da sua família, mas tem outros familiares estudando ou morando no exterior. Como consequência, acaba procurando informações diariamente não apenas de seu país ou do Brasil, mas sobre a Argentina, Espanha e Estados Unidos. Ela valoriza essa situação e seus efeitos subjetivos em termos de “desgaste emocional”.

Enquanto isso, outra narra que sua família liga para ela diariamente, mas se não consegue atender (ou simplesmente não escuta a ligação), seus familiares ficam angustiados pensando que “alguma coisa aconteceu”. Isso provoca nela um grande estresse e faz com que fique o dia todo com o celular por perto: *“eso me molesta, pero lo peor es que cuando por alguna razón pasa un día y no me llaman, yo empiezo a pensar lo mismo... es una locura”*. Percebo, nestes casos, um mal-estar que vem não apenas da situação que se vive mundialmente em termos sanitários, econômicos e políticos, mas uma ideia de existência material que se torna emocional. Como reflete a própria interlocutora: *“somos sentimientos andantes, parece como*

*si no hubiese más racionalidad en nuestros actos... por lo menos aquella a la que estábamos acostumbrados”.*

Seus relatos mostram o quanto os vínculos com os familiares, mediados pela tecnologia, adquirem novas características, tornam-se fator de proteção e, ao mesmo tempo, motivo de angústia ou estresse na vida cotidiana. Desenvolve-se, em alguns casos, um vínculo de apego com a tecnologia (com o celular, as redes sociais online), cujo impacto emocional negativo tem a ver, também, com uma certa ideia de “relação sã” com a tecnologia que era discutida no mundo pré-Covid, e que pautava a capacidade de tomar distância e de “independência” como elemento de “sanidade” no vínculo. O mundo da Covid e do isolamento social põe à prova, assim, não apenas as formas de relação com absolutamente tudo que nos rodeia, mas os critérios ou as concepções sobre a “qualidade” desses vínculos.

Já no caso dos estudantes de Cuba, as formas de comunicação com a família têm suas particularidades. O serviço de internet em casa não é acessível para todos e nem mesmo todos possuem telefone fixo. Para se conectar, muitos dos familiares precisam se deslocar a zonas abertas na cidade (parques) com serviço de wi-fi, o que não é recomendado na conjuntura atual. O serviço de “wi-fi nos parques” é também caro e, frente à reorganização da economia familiar pelos impactos da pandemia e do aumento de muitos produtos, esta inversão não é das mais factíveis. Contudo, para muitas das famílias que possuem membros fora do território nacional, esta inversão representa um gasto que se torna “imprescindível” e que os próprios residentes no exterior ajudam a custear. Porém, isso não é possível em todos os casos por razões diversas, bem porque a instalação do serviço é dependente de condições técnicas que nem todos os territórios e bairros têm, ou por questões de tipo econômicas. Nestes casos, a falta de notícias da família em tempo real se torna um motivo importante de preocupação e busca de informações disponíveis na Web. Criam-se, também, diante da situação descrita, redes de amizades em Cuba ou em outros países, que divulgam e atualizam-nos sobre a situação dos familiares, comunidades e/ou cidades.

Uma das pós-graduandas de Cuba, cujas filhas ficaram lá aos cuidados da avó, me conta que essa comunicação constante, além de ter a motivação de se manter atenta à situação de saúde, agora responde à necessidade de oferecer ajuda às filhas com os deveres escolares. Ela narra que, antes da pandemia, sua mãe (avó das meninas) conseguia auxiliá-las bastante com as tarefas da escola, mas com as novas demandas vindas da “interatividade” própria do ensino a distância, a mãe não consegue acompanhar. No diálogo, ela diz:

*Estoy todo el día dividida, aquí y allá... y al final, ni aquí ni allá". Enquanto isso, outra estudante afirma: "yo no estoy consiguiendo ayudar a mi familia y a mis hijas prácticamente, el dólar ha subido mucho, lo que antes destinaba a esa ayuda ahora no rinde nada, y no puedo mandar más. Es muy difícil y angustiante la situación, sobre todo no saber hasta cuándo será..."*

Nas situações relatadas, percebe-se a intensificação de um sentimento de habitar, de forma permanente, duas dimensões/lugares simultaneamente, mas, ao mesmo tempo, de não pertencer a nenhuma delas, de estar constantemente nesse entre-lugar. Um espaço em geral angustiante, que Bhabha (2002) descreve também como um lugar híbrido e produtivo, um espaço intersticial onde se produzem novos sentidos advindos das histórias de deslocamentos e reterritorializações. Este sentimento, por mais que não seja algo novo na vivência do “estrangeiro” e que seja um lugar também “produtivo”, no contexto da pandemia e dos interlocutores da pesquisa, parece se reavivar associado ao fato de a saudade se tornar preocupação diante da sensação de “não-pertencimento”. Como parte do mesmo processo, “o conhecido” – muitas vezes criticado, inclusive a própria noção de “cidadania” – se configura como “espaço seguro”.

#### **4.3 O medo da precarização da vida diante da exacerbação do nacionalismo, e as necropolíticas**

---

No caso dos bolsistas estrangeiros (assim como para muitos outros na condição de bolsistas na pós), somos absolutamente dependentes do transporte público, que foi paralisado como parte das medidas sanitárias adotadas no território. Isso faz com que a manutenção da vida se encareça pela impossibilidade de se deslocar aos mercados mais econômicos da cidade, por vezes mais distantes dos lugares de residência. As compras feitas pela internet nos mercados mais baratos começaram a apresentar grandes dificuldades com a entrega pelo acúmulo na demanda e atrasos, o que deixa as pessoas dependentes dessa opção em situações difíceis com relação ao abastecimento necessário e ao cumprimento das medidas de isolamento social. Nessa situação, muitos de nós optamos pelas compras nos mercados de bairro, notavelmente mais caros. Este resultado é análogo ao que mostram algumas pesquisas sobre as mudanças ocorridas nos padrões de consumo durante a pandemia. De acordo com um estudo divulgado pelo InfoMoney<sup>14</sup> no primeiro trimestre de 2020, mais de 2 milhões de lares passaram a comprar em pequenos comércios e pouco mais de 1,2 milhão em varejos tradicionais. O crescimento nas compras também foi verificado nos supermercados de bairro, para onde mais de 200 mil pessoas

---

<sup>14</sup> Site especializado em mercados, investimentos e negócios no Brasil.

descreveram ter direcionado seu consumo. Conforme a pesquisa, para 60% dos consumidores a mudança aconteceu para escapar de aglomerações e, em 59,6% dos casos, para evitar os grandes deslocamentos.

Mesmo assim, para os/as estudantes participantes da pesquisa, o uso do transporte por aplicativo se tornou a principal opção para se locomover, mas impagável para dependentes da bolsa de estudo como única fonte de renda. É importante considerar que, nestas condições, a quantia das bolsas pagas a mestrandos/as, doutorandos/as e pós-doutorandos/as gera também diferenças nas possibilidades de abastecimento e deslocamento aos mercados. Em conversa sobre os gastos e o encarecimento da vida, uma das pós-graduandas reflete:

*Todos los productos han subido, lo que yo gastaba antes en comida ahora no rinde prácticamente nada, y el problema es que suben y tu no continúas comprando lo mismo y destinando más dinero a la alimentación, para nosotros no funciona así, hay que planificarse, es una cantidad para comida y se compra lo que sale de ahí... y cuando a eso le sumas la presión por estar sana...*

O período de isolamento tem representado, desta forma, um aumento dos gastos em alimentação e transporte, reduzindo as possibilidades de poupar para as viagens internacionais aos nossos países de origem. Contudo, estas não são financiadas pela CAPES durante a formação, ainda que esses deslocamentos impliquem trabalho de campo para a realização da pesquisa. A motivação para estas viagens inclui também a regularização migratória no caso dos/as cubanos/as, que devem entrar no território nacional antes de um período de dois anos para não perder a residência no país. Ficam reduzidas, assim, tanto a possibilidade de poupar quanto a quantia do valor economizado mensalmente. Vale a pena salientar que esta constitui, em geral, uma estratégia de uso do recurso da bolsa para os estrangeiros, mas que foi impactada pelo aumento das despesas mensais associadas às mudanças acima referidas, pelo encarecimento dos produtos e serviços e do valor do dólar nas transferências internacionais.

Já no caso da absoluta dependência da rede pública de saúde, a preocupação é grande e aparece como um dos fatores que mais impacto produz em termos emocionais no grupo. Desde o início da pandemia, em muitas conversas surgiram preocupações pela possível insuficiência dos serviços de saúde para dar conta das necessidades da população frente ao aumento da demanda. Nessas ocasiões, tem se manifestado grande inquietação sobre como as

questões de xenofobia e racismo – que caracterizam certas regiões como o sul do Brasil<sup>15</sup> – podem configurar um acesso ainda mais restrito e precário, não apenas associado à condição de estrangeiro, mas à dimensão da nacionalidade e do marcador racial. Sobre isto, uma das pós-graduandas reflete: “yo no sólo soy cubana, y a algunos médicos no les gusta mucho ese significativo, sino que soy negra, entonces piensa, si hay un respirador y hay que decidir entre un brasileño y yo ¿a quién se lo van a poner?”.

Entre os/as interlocutores/as da Colômbia, aparece menos a preocupação com a nacionalidade em particular, e mais em relação à condição de estrangeiro/a e à questão racial como aspectos que poderiam esbarrar no acesso. Outra das estudantes argumenta: “yo la cuestión del racismo la sentí aquí [*no Brasil*] por primera vez... así de forma marcante... Me sentí marcada por no ser blanca y también por la xenofobia (...) Si eso ya era de alguna manera un problema para ser pensado, ahora es un miedo que tengo”. Ativa-se assim, no contexto da pandemia, essa consciência racial e a questão da nacionalidade ligadas à discussão da vulnerabilidade e seus impactos no estabelecimento de necropolíticas (MBEMBE, 2011). Na vivência das estudantes que participaram da pesquisa, isto se associa à intensificação, nesse cenário, de uma noção de “estrangeiro/a” marcada por um lugar de “não pertencimento” que se mostra como condição precária diante do acesso aos serviços.

Em relação aos impactos econômicos, outra participante conta que a pandemia tem obrigado ela a repensar os planos e expectativas iniciais de se manter até a defesa no Brasil “fundamentalmente por la situación económica, pues con apenas una bolsa y sin RU la situación se ha vuelto muy compleja”. Na conversa, ela diz que está com o que nomeia “a síndrome da Dorothy”, a personagem do Mágico de Oz, por encontrar-se envolvida (mentalmente) em uma série de peripécias para retornar para casa, e afirma: “*aún con toda la crisis económica, política e histórica que tenemos* [se refere ao seu país de origem, Colômbia] *uno piensa que allá está la familia*”. A própria noção e sensação de “segurança” no momento da pandemia parece ser reformulada, deslocando-se do contexto mais geral econômico, político e social de cada território, para a família como espaço vincular capaz de acolher afetivamente frente à inoperância estatal.

Porém, como a própria estudante reflete, a situação se torna muito complexa quando essa necessidade é analisada diante da rigidez na aplicação dos protocolos que regulam o

---

<sup>15</sup> Alencar e Holanda (2019) refletem sobre as heranças coloniais europeias e, por consequência, a invisibilidade da presença negra e indígena no sul do país, o que se configura como elemento a ser considerado no cenário de dominação/reprodução elitista do estado catarinense.

financiamento das bolsas de estudo e da desconsideração das particularidades internas ao grande grupo dos/as pós-graduandos/as. Para os/as estrangeiros/as, por exemplo, estabelece-se que o período permitido para os estudos fora do país seja de 12 meses. No entanto, se o estudante no momento da pandemia não tiver todo esse tempo disponível – porque já esteve fora do Brasil – e/ou se o tempo para terminar sua formação for superior ao período disponível, este não poderá viajar e finalizar a pesquisa de forma segura, com bolsa, no seu país de origem.

Quando já estava decidido que não era possível o retorno ao sistema de ensino presencial e que a retomada das aulas se produziria apenas na modalidade não presencial, um dos estudantes estrangeiros reflete: *“aun cuando estuvieran faltando créditos u otros requisitos, si todo va a continuar a distancia, no importa donde cada uno de nosotros esté, siempre que el trabajo académico y de pesquisa continúe. Muchos de mis compañeros brasileños volvieron para sus casas por las mismas razones”*. Ele acrescenta ainda que, no caso dos/as que ainda não fizeram o trabalho de campo, esta poderia ser uma boa oportunidade para concluir a pesquisa prevista e a formação por meio do ensino a distância, incluída a defesa. Nesse sentido, é importante garantir a segurança e a qualidade de vida dos/as pesquisadores/as, ao mesmo tempo em que se assegura a continuidade da pesquisa.

#### **4.4 A angústia pelo não cumprimento dos padrões de produtividade exigidos pela academia**

---

Como já foi analisado, para os/as estrangeiros que passam o isolamento em algum tipo de arranjo/estrutura familiar e, fundamentalmente, para os/as que moram com filhos/as menores de idade, o sentimento mais recorrente não é o de solidão. Nestes casos, a angústia se associa à necessidade de reorganização e conciliação do tempo dedicado às tarefas domésticas, de cuidado e profissionais/laborais. Tempo de leitura e de escrita requerem certas condições que acabam sendo fortemente impactadas pelas novas formas de convivência familiar de 24 horas por dia, influenciando na diminuição da capacidade de concentração e, conseqüentemente, no rendimento acadêmico. Assim, a realização de cursos online, reuniões ou encontros de trabalho virtuais, ainda que tenha sido essencial para manter a rotina de trabalho de alguns, para outras/os implicou uma sobreposição de espaços e sobrecarga, associando-se aos sentimentos de culpa e angústia.

Uma das pós-doutorandas afirma:

*Yo hago muchas cosas por día y por tanto dedico menos tiempo a cada una de ellas... me concentro menos en lo académico que cuando iba para la*

*universidad, y siento que no produzco como debería, porque el trabajo académico es de concentración. (...) Aunque trabajo y estudio bastante al final lo que vale son los resultados palpables, publicaciones, esas cosas... es complicado.*

A reflexão relativa ao tempo de dedicação de cada um a essas atividades é trazida fundamentalmente pelas mulheres dos casais. Nos relatos das estudantes, o desempenho simultâneo desses papéis na condição de imigrante, sem uma rede de apoio familiar ou de outro tipo para compartilhar os cuidados dos filhos, constituiu um dos maiores desafios para cumprir os padrões de produtividade exigidos pela academia. Dessas reflexões, duas questões emergem, ambas em estreita relação: uma é relativa à divisão sexual do trabalho na conjugalidade (MORAES, 2020); a outra, associada a uma certa ideia de produtividade acadêmica (SOUZA, 2020) que gera tensão e é problematizada por ter um impacto mais significativo na vida das mulheres.

O problema que se configura para elas não é relativo a quem faz o quê no âmbito do casal, mas quanto tempo dedicam por dia, cada um, a esses trabalhos/tarefas. Comparativamente aos homens, elas têm a percepção de dedicar, em média, mais horas a esses afazeres do que seus companheiros, além de considerar que, para elas, o espectro de atividades realizadas por dia é mais diversificado. Nessas experiências em que emerge a relação das participantes com o cuidado, elas se percebem, assim como constata Moraes (2020, p. 125) na sua pesquisa sobre conjugalidade acadêmica desde a perspectiva feminina, como “máquinas gestoras de relações”. Deste modo, se não fazem determinadas tarefas, ocupam-se muitas vezes de organizá-las.

Já em relação às consequências desse amplo leque de responsabilidades, outra delas afirma:

*(...) a la hora de evaluarte lo que van a ver es la cantidad de libros y artículos que publicaste, los eventos en que participaste y las conferencias que has dado. A nadie le importa si tienes dos hijos, o por qué si tienes más edad y tiempo en la academia que un hombre él tiene mejor currículo (...) Pienso que este año va a afectar la carrera profesional de todos, pero en particular de las mujeres...con hijos...*

A mesma interlocutora afirma em outro momento da conversa: “*El problema no soy yo, no somos nosotras, son los criterios de productividad. Ser madre y poder hacer carrera académica no debería ser un problema*”. A angústia experimentada, no caso, associa-se aos efeitos diferenciados dessa divisão sexual do trabalho no contexto da pandemia, cujos efeitos se dão na esfera da produtividade. No âmbito do trabalho em casa, o mal-estar se intensifica

pela fusão dos espaços acadêmico-laboral e doméstico-familiar, cuja separação funcionava antes da pandemia como fator de proteção subjetivo e recurso para a dedicação ao estudo. Esta problematização nos leva a discutir, por um lado, os impactos distintos na trajetória acadêmica das mulheres na “volta à casa”. Por outro lado, implica o reconhecimento de carreiras intelectuais no feminino, como aponta Souza (2020), ou seja, a análise de como se produz o posicionamento das mulheres no sistema de prestígio acadêmico e as diversas formas que adota a produção da marginalidade nos mundos intelectuais. No cenário da pandemia, isso acaba por impactar de modo diferencial determinados grupos de mulheres, na interseção com marcadores como a raça, a classe, a condição de estrangeira, o acesso a redes de apoio e serviços etc.

Em relação às estratégias de reorganização e conciliação das funções domésticas, de cuidado e profissional/laboral, para pelo menos duas das mulheres dos casais que participaram da pesquisa, a conjugalidade intelectual e/ou endogamia acadêmica (MORAES, 2020) – isto é, a escolha de um parceiro profissional também com carreira acadêmica, seja na mesma área ou não – determina a posição participativa e compreensiva deles nos aspectos associados a carreira das suas parceiras. O que facilita os arranjos familiares necessários para o desenvolvimento da trajetória profissional delas, fundamentalmente após a chegada dos filhos (parceria conjugal como estratégia).

## 5 Considerações finais

---

Ao aprofundar na discussão sobre os medos e angústias vivenciados entre estudantes estrangeiros de países latino-americanos na UFSC, e a diversidade de recursos/iniciativas de resistência individuais e coletivas frente à pandemia, reflito sobre essa experiência na interseção com marcadores sociais como gênero, raça, nacionalidade, condição migratória, conjugalidade, parentalidade, formação profissional etc., mostrando assim as múltiplas territorialidades que têm lugar no espaço-universidade. A problematização não apenas exalta a necessidade de considerar as pluralidades ontológicas em relação à diversidade de formas de enfrentamento à pandemia, mas as dimensões em que a condição precária (enquanto condição politicamente induzida) pode ser reproduzida e precisa ser enfrentada.

Os resultados mostram que os principais medos e angústias vivenciados por estes estudantes podem se associar num primeiro momento, as complexidades da decisão de ficar no Brasil, mas transitam paulatinamente ao vínculo com o contexto social, epidemiológico e político que se desencadeia no Brasil pós-pandemia, e que vão atravessar as políticas

acadêmicas direcionadas aos estrangeiros, de instituições como CAPES e a própria universidade à qual os estudantes pertencem.

Entre os medos por eles/as vivenciados, destaca-se o de adoecer e/ou morrer “longe de casa”. Intensifica-se o medo da distância da família e a sensação de habitar um entre-lugar, o que guarda relação com as condições de moradia e as formas de comunicação que conseguem. No grupo dos participantes, outro dos medos surge muito nitidamente associado à precarização da vida diante da exacerbação do nacionalismo e as necropolíticas, sabendo-se dependentes dos serviços públicos de saúde, transporte e diante do súbito encarecimento do custo de vida. Já em relação à vida profissional, percebe-se a angústia pelo não cumprimento dos padrões de produtividade (conforme são eles tradicionalmente exigidos e avaliados pela academia), que entram em conflito com as estratégias de reorganização e conciliação das tarefas domésticas, de cuidado e profissional/laboral. Junto às questões levantadas no artigo, aprecia-se como o enfrentamento por meio de redes afetivas foi fundamental e se fortaleceu durante a pandemia entre os/as participantes da pesquisa.

Finalmente, partindo do princípio de que o pessoal é político (HANISCH, 2016), assim como pautado pelo feminismo há décadas, enfatizo que as análises suscitadas em torno dos medos e angústias vivenciados pelos/as estudantes estrangeiros/as na Pós-Graduação mostram que, tanto o sofrimento psíquico quanto a saúde mental, devem ser entendidas e abordadas como questões políticas, o que parte do reconhecimento da dimensão política da experiência pessoal.

## Agradecimentos

---

Esta pesquisa foi realizada com apoio do Programa de Internacionalização Print/CAPES/UFSC. Agradeço igualmente ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) e à professora Miriam Grossi, pelo apoio para o desenvolvimento da presente pesquisa e as revisões feitas deste artigo.

## Referências

---

ALENCAR, A. E. V.; HOLANDA, V. M. de S. Política afirmativa estudantil em perspectiva: um estudo de caso na Universidade Federal de Santa Catarina. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, Paraná, v. 12, n. 39, p. 162-184, 2019.

ALUCIN, S. V.; ZILLI, G. G. La mirada etnográfica sobre lo político: algunas consideraciones teórico-metodológicas. **Pensar. Epistemología y Ciencias**

- Sociales**, Rosario, n. 8, 2013. Disponível em:  
<http://revistapensar.org/index.php/pensar/issue/view/8/showToc>. Acesso em: 03 nov. 2020.
- ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- BHABHA, H. **El lugar de la cultura**. Buenos Aires: Manantial, 2002.
- BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Portaria n.º 55, de 29 de abril de 2020**. Dispõe sobre a prorrogação excepcional dos prazos de vigência de bolsas de mestrado e doutorado no país da Capes, no âmbito dos programas e acordos de competência da Diretoria de Programas e Bolsas no País, e exclusão da variável tempo de titulação em indicadores relativos à avaliação dos programas no quadriênio 2017-2020. Brasília: Diário Oficial Da União, 2020b. Disponível em: <http://cad.capes.gov.br/ato-administrativo-detallar?idAtoAdmElastic=3762>. Acesso em: 3 nov. 2020.
- CLARK, D. A. BECK, A. T. **Terapia cognitiva para transtorno de ansiedade**. Porto Alegre: Artmed, 2012.
- FONSECA, C. Avaliação dos programas de pós-graduação: do ponto de vista de um nativo. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, p. 261-275, 2002.
- GAZTAÑAGA, J. La política como construcción social y un análisis comparativo de tres casos etnográficos”. In: BOIVIN, M.; HEREDIA, B.; ROSATO, A. **Política, instituciones y gobierno: abordajes y perspectivas antropológicas sobre el hacer política**. Buenos Aires: Antropofagia- GIAPER, 2009. p. 22-50.
- HANISCH, C. **Lo personal es político**. Chile: Feministas Lúcidas, 2016.
- INFOMONEY. **Compras em mercadinhos de bairro e pequenos varejos crescem em meio à pandemia**. 2020. Disponível em: [encurtador.com.br/jLQ7](https://encurtador.com.br/jLQ7). Acesso em: 25 jul. 2021.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. Santa Cruz de Tenerife: Melusina, 2011.
- MONTENEGRO, G. M.; QUEIROZ, B. da S.; DIAS, M. C. Lazer em tempos de distanciamento social. **Licere**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, 2020. Disponível em: <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/10/1123132/24785-texto-do-artigo-71547-1-10-20200818-1.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- MORAES, F. A. de. Fusão ou competição? A experiência de conjugalidade acadêmica na perspectiva de quatro mulheres. In: GROSSI, M.; REA, C. **Teoria Feminista. Ciências Humanas, Biológicas, Exatas e Engenharias**. Florianópolis: Tribo da Ilha e Salvador de Bahia: Devires, 2020. p. 109-134.
- PALERMO, Z. **La opción decolonial**. Universidad de Salta: Centro de Ciencia, Educación y Sociedad. 2010. Disponível em: <http://cecies.org/articulo-completo.php?idarticle=91>. Acesso em: 26 out. 2020.
- PORTO-GONÇALVES, C. W. De saberes e territórios: diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. **GEOgrafia**, v. VIII, n. 16, p. 41-55, 2006.
- SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SIMI, G. A metafísica do estrangeiro: um ensaio sobre o conceito de estrangeiridade. In: REDIN, G. **Migrações internacionais: experiências e desafios para a proteção e promoção de direitos humanos no Brasil**. Santa Maria: UFSM, 2020.

SOUZA, C. V. e. Ensinar antropologia em outros tempos: as mulheres e as configurações do mundo acadêmico. In: GROSSI, M.; REA, C. **Teoria Feminista. Ciências Humanas, Biológicas, Exatas e Engenharias**. Florianópolis: Tribo da Ilha e Salvador da Bahia: Devires, 2020. p. 9-28.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Associação de Pós-Graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina (APG). **A situação de estudantes da pós UFSC durante o isolamento social**. 2020a. Disponível em: <https://apg.ufsc.br/2020/04/01/a-situacao-de-estudantes-da-pos-ufsc-durante-o-isolamento-social/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Associação de Pós-Graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina (APG). **Vergonha! O Conselho Universitário está vetando a maioria das garantias para estudantes!** 2020b. Disponível em: <https://apg.ufsc.br/2020/07/18/vergonha-o-conselho-universitario-esta-vetando-a-maioria-das-garantias-para-estudantes/>. Acesso em: 03 nov. 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Divulga UFSC. **Conselho Universitário decide que ensino não presencial da UFSC começa em 31 de agosto**. 2020e. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2020/07/divulga-ufsc-22072020-edicao-1468/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Divulga UFSC. **UFSC orienta comunidade universitária sobre o novo coronavírus**. 2020a. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2020/03/ufsc-orienta-comunidade-universitaria-sobre-o-novo-coronavirus/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Divulga UFSC. **UFSC Entrevista: médica infectologista orienta e tira dúvidas sobre Coronavírus**. 2020b. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2020/03/divulga-ufsc-11032020-edicao-1380/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Divulga UFSC. **UFSC segue com atividades suspensas e estipula prazo para decisão sobre o calendário acadêmico**. 2020c. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2020/06/divulga-ufsc-01062020-edicao-1433/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Divulga UFSC. **‘Nosso plano é de longo prazo’**, afirma administração central da UFSC. 2020d. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2020/06/divulga-ufsc-08062020-edicao-1438/>. Acesso em: 03 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Notícias da UFSC. **Conselho universitário mantém dispositivos da resolução de retomada do ensino**. 2020. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2020/08/conselho-universitario-mantem-dispositivos-da-resolucao-de-retomada-do-ensino/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG). **Diagnóstico situação Pós-Graduação. Instrumento de Diagnóstico - Discentes PPGH**. Florianópolis: Ufsc, 2020a.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC). Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG). **Diagnóstico situação Pós-Graduação. Instrumento de Diagnóstico - Discentes PPGICH**. Florianópolis: Ufsc, 2020b.